

Agressividade e hiperatividade das crianças de hoje é forma de reivindicarem mais atenção', diz antropóloga Tatiana Dias 13 Nov 2016 (atualizado 15/Nov 11h54)

Pesquisadora da infância, Adriana Friedmann convida os adultos a entrarem no que chama de 'labirinto' do universo infantil

FOTO: PHILIPPE PUT/FLICKR/CREATIVE COMMONS PESQUISADORA CONVIDA ADULTOS A 'MERGULHAREM' E SE 'PERDEREM' NO UNIVERSO LABIRÍNTICO DAS CRIANÇAS

Durante grande parte da história da humanidade, as crianças foram vistas como seres de segunda classe. Eram abandonadas, doadas, vendidas, trocadas; pais biológicos pouco participavam de sua criação - elas eram rapidamente treinadas para executar funções de adultos. O castigo era visto como uma ferramenta necessária de socialização e adaptação ao mundo adulto. Com a evolução da psicologia, pedagogia e do ideário de direitos humanos, o mundo adulto passou a se interessar em compreender melhor o universo infantil. Nas últimas décadas, tem crescido a ideia de que as crianças têm habilidades e uma cultura própria. Mas a sociedade ainda não sabe, de fato, como entrar e compreender esse universo. Em outras palavras, o mundo adulto não sabe como escutar as crianças. Essa é a visão da pedagoga Adriana Friedmann, mestre em Educação, doutora em Antropologia, criadora do Mapa da Infância Brasileira e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento. Para ela, a relação entre adultos e crianças ainda é marcada pela forte hierarquia - e isso compromete a comunicação entre os dois mundos. Na sociedade atual, embora exista o esforço em várias partes, dificilmente a relação com as crianças é simétrica, "de verdadeira escuta". Isso porque os adultos enxergam as crianças com base em seus próprios valores, e, pressionados pelo mundo externo, não têm tempo ou atenção para adentrar no que ela chama de "labirintos".

Em entrevista ao Nexo, Friedmann fala sobre como o mundo adulto vê as crianças - e como essa relação de comunicação pode ser aprimorada. Você diz que, ao escutar uma criança, se entra em um labirinto. E que somos analfabetos na compreensão do universo infantil. Por quê?

ADRIANA FRIEDMANN A maior parte dos adultos que têm sob seus cuidados crianças - educadores, cuidadores e gestores - tem se pautado por parâmetros, teorias, referências e contribuições que têm sua origem em várias disciplinas do conhecimento - psicologia do desenvolvimento, pedagogias, pediatria, neurociências, legislação e direitos. A partir desses conhecimentos essenciais 'enquadramos', classificamos e comparamos as crianças das mais diversas culturas, regiões, contextos e temperamentos. Os adultos colocam-se muito mais no papel de quem ensina, corrige, dita regras e orienta, do que no papel de quem escuta ou observa para conhecer e reconhecer cada criança ou grupo infantil nas suas singularidades. A metáfora que utilizo - 'entramos em um labirinto ao escutar crianças' - diz muito do desafio para que os adultos possam desapegar-se, mesmo que temporariamente, das suas crenças e convicções no que diz respeito a 'como deveria ser e/ou agir uma criança 'normal'; para que se animem a se 'perderem' e mergulharem nos universos infantis e a se abrirem para conhecer a essência, os temperamentos, as necessidades, os interesses e potenciais de cada criança com quem vivem ou convivem. Muito sabemos na teoria mas a realidade dos universos infantis nem sempre coincide com esses referenciais padrão. As crianças que estão na frente de cada cuidador e educador todo dia, toda hora, são as bússolas que podem conduzir os adultos nesses labirintos infantis.

Que técnicas nós, os adultos, podemos utilizar para compreender melhor a expressão de uma criança?

ADRIANA FRIEDMANN Um primeiro caminho consiste no adulto voltar-se para as suas próprias memórias de infância e resgatar emoções e vivências significativas. Todos nós fomos marcados, de forma positiva e negativa, nas nossas infâncias, pelas nossas brincadeiras, segredos, esconderijos, brinquedos preferidos, medos, vínculos, amigos, e tantas outras situações e emoções. Cada adulto poder resgatar este período das suas

vidas é um passo inicial para compreender as crianças de hoje. Há várias possibilidades de escuta das crianças que têm a ver com oportunizar a elas tempos e espaços expressivos. O que significa oferecer espaços de brincar livre, materiais para a expressão plástica, espaços para que as crianças possam se expressar com seus corpos, com a palavra dita ou a escrita, através do teatro e do faz de conta, através da música; ou mesmo através do silêncio. A partir da escolha que cada criança faz de materiais, espaços, objetos, brinquedos, brincadeiras ou companheiros de jogo, é possível começar a compreender melhor seus mundos. E começar a 'ler' e conhecer seus códigos e seus olhares sobre o mundo.

A relação dos adultos com as crianças é, de maneira geral, marcada pela hierarquia. Como isso se reflete na maneira como nos comunicamos com elas?

ADRIANA FRIEDMANN O adulto costuma se colocar em um patamar de maior sabedoria, maior autoridade frente às crianças. Damos ordens, ameaçamos, tiramos delas alguns privilégios, impomos a partir dos nossos próprios referenciais. Muitas vezes as crianças argumentam frente a estas posturas e o adulto mal ouve o que a criança diz ou o que ela expressa ou argumenta. Nos tempos atuais em que a vida de todos os adultos é tão corrida e 'conectada' em outras diversas 'plataformas' e mundos virtuais, muitos adultos têm ficado muito menos presentes e muito mais autoritários com as crianças. Se por um lado, aparentemente parece haver mais permissividade, as crianças têm sido menos olhadas, mesmo na presença física dos adultos. A pressão do mundo externo tem sido tamanha que raramente a comunicação adulto-criança chega a ser simétrica, de verdadeira escuta.

"Muito da agressividade, hiperatividade, depressão e até doenças das crianças de hoje são formas pelas quais muitas crianças vêm reivindicando mais atenção." Como subverter essa hierarquia e escutar, de fato, o que uma criança tem a dizer?

ADRIANA FRIEDMANN Em primeiro lugar é importante 'sair do modo automático' em que a maior parte dos adultos se coloca frente à criança, repetindo frases, não se conectando realmente com o momento nem com as emoções (da criança e as próprias). Para subverter essa hierarquia, o adulto precisa se reconectar com o aqui e agora, com cada criança, deitar e rolar junto, brincar junto, ler junto, abrir-se para o espontâneo do universo da criança.

"Partilhar histórias, memórias, sentimentos, fortalezas e fraquezas, sem medo, coloca o adulto em um patamar mais simétrico e humano com o mundo das crianças." O que a criança pode dizer enquanto brinca ou fala sozinha?

ADRIANA FRIEDMANN As crianças falam sozinhas, cantam, imitam, repetem palavras e frases que ouviram; exercitam a vida enquanto desenham, brincam, tomam banho, comem, andam de carro, etc etc. Cada uma fala e expressa sua percepção do mundo à sua volta. Porém, cada narrativa é única, poética, essencial e diz de quem e como cada criança é. Abrir-se para estas falas é uma brecha riquíssima para o adulto ter algumas pistas do universo e do momento vivido por cada criança. Muitas vezes a criança pode estar repetindo e/ou resignificando um diálogo que ouviu na sua casa, ou uma música que escutou no rádio, ou um diálogo que ouviu ou assistiu de raspão na TV. Ainda, acontece de ela reproduzir uma briga doméstica, recriar histórias ou 'sonhar acordada'. Ouvir sem interromper é uma arte. Abrir um canal de conversa a partir dessas falas é um desafio. A infância é marcada por uma série de estereótipos: as bagunceiras, as tiranas, as que não têm limites. De onde vem esse ideário de que as crianças são seres a ser moldados, contidos?

ADRIANA FRIEDMANN Se olharmos para a ideia e o ideal de criança através da história, vamos descobrir que estes estereótipos se remetem à Idade Média, período em que a criança era 'enquadrada' e castigada se não obedecesse aos padrões da época. Os parâmetros de normalidade foram mudando ao longo da história da humanidade e com os direitos universais, dos avanços da psicologia do desenvolvimento. Mas mesmo assim, até hoje, tais parâmetros variam de uma cultura para outra. O contexto sócio-cultural tem uma enorme influência no estabelecimento destes estereótipos. Apesar dos castigos contra crianças terem sido recorrentes ao longo da história, essa ideia de 'moldar' a criança predominou nos séculos 16 e 17. Foi no século 18 em que surgiu a pediatria, que os pais começaram a se aproximar dos seus filhos. Este início de empatia pais-crianças; as ideias

de Rousseau em 1762 em que chamou a atenção para a valorização dos sentimentos das crianças e das famílias; a psicologia de Freud e o surgimento das escolas no século 19 até metade do século 20; constituem as primeiras rupturas com tais ideários de 'moldar e conter' as crianças.

Como se estruturou esse modelo de relacionamento baseado na hierarquia entre crianças e adultos?

ADRIANA FRIEDMANN A história nos mostra uma recorrência em várias culturas e etnias, de abandono ou morte de crianças. Castigos eram muito comuns, até mesmo por síndromes dos mais diversos tipos, sexo etc. Crianças abandonadas, mortas ou criadas por amas de leite eram a norma: elas ficavam pouco tempo sob os cuidados dos seus pais biológicos e saíam cedo para servir, aprender um ofício ou ir à escola. Muitas eram vendidas ou serviam como moeda de troca para pagar dívidas. Mesmo quando os pais começaram a participar mais diretamente do desenvolvimento da vida das crianças, no século 20 em que, embora o diálogo imperasse sobre o castigo em algumas sociedades, esse modelo de relacionamento hierárquico continuou muito presente.

O pesquisador Manuel Jacinto Sarmiento diz que, nos últimos 30 anos, o modelo de pensamento sobre as crianças tem mudado: a infância tem sido pensada a partir das próprias crianças. Você concorda com isso?

ADRIANA FRIEDMANN As ciências sociais têm colaborado com esse pensamento ao contribuir com a ideia de que as crianças são atores sociais e autores das suas próprias vidas. E que as crianças são um grupo social que tem linguagem e cultura própria e que merece ser estudado e escutado. Essas ideias, assim como as descobertas das neurociências e a consciência da importância de se pensar a infância a partir de necessidades, interesses e habilidades das crianças, vêm sendo debatidas e pesquisadas nos âmbitos acadêmicos e programáticos. Porém, vejo um longo e árduo caminho ainda para mudar este modelo de pensamento, efetivamente, tanto nas famílias e nas escolas, quanto na sociedade como um todo. Se bem temos avançado muito no que se refere aos estudos e iniciativas que vêm dando espaço para as crianças terem vez e voz, vivemos uma transição na compreensão desta mudança de postura, tanto ética quanto metodológica. Uma grande crise de valores e papéis sociais em que as crianças estão também implicadas.

FOTO: FLICKR/CREATIVE COMMONS FALAS DA CRIANÇA DURANTE BRINCADEIRAS DÃO PISTAS VALIOSAS SOBRE O UNIVERSO DELA, DIZ A PEDAGOGA

Pensando em termos amplos, de políticas públicas e políticas educacionais, a sociedade tem escutado mais as crianças?

ADRIANA FRIEDMANN Estamos só no início deste imenso desafio. Antes de chegarmos em políticas a este respeito, a mudança precisa ser compreendida e apropriada pelos educadores e cuidadores. Não pode ser 'imposta'. A criança ter voz, expressar-se e ser escutada é um direito ainda a ser conquistado e introjetado pelos diversos atores sociais. Considerar a criança sujeito de direitos ainda permeia muitos discursos e documentos mas as iniciativas são poucas e muito 'tímidas' ainda.

Quais são as iniciativas - artísticas, culturais, educacionais, acadêmicas etc - que se propõem, e conseguem, dar voz e escutar as crianças?

ADRIANA FRIEDMANN É sobretudo nos âmbitos artísticos e culturais - peças de teatro, oficinas de artes, modelagem, música, dança, movimento, espaços lúdicos e propostas que valorizam as tradições, as raízes e as memórias - que efetivamente podemos dizer que se dá voz às crianças. Temos hoje no Brasil e no mundo iniciativas que nascem da constatação de faltas, interesses e necessidades. E do sensível caminho das linguagens artísticas e da valorização multicultural que surgem iniciativas neste sentido. ONGs que dão espaço para as crianças brincarem livremente, espaços públicos que possibilitam contato com a natureza e com a vida em comunidade, grupos de pais e profissionais que se juntam para garantir direitos de crianças com diversas síndromes, doenças e limitações físicas ou psíquicas; escolas que pesquisam e propõem métodos e currículos mais adequados aos seus públicos; fóruns escolares que dão voz às crianças; comunidades que atendem crianças vulneráveis; iniciativas que resgatam a autoestima através das histórias de vida de crianças abrigadas. Escolas e comunidades que têm ouvido os sonhos

das crianças e descoberto medos, fantasias, desejos e perigos que habitam seus inconscientes. Centros de saúde e hospitais pediátricos que têm criado espaços expressivos em prol da cura física e psíquica das crianças. Universidades, cursos, publicações que vêm contribuindo com reflexões, conceitos, estudos e pesquisas no campo da escuta e da pesquisa com e sobre crianças. Diria hoje que a atitude de escuta por parte dos adultos é mais rara, complexa e desafiadora já que impera ainda a ideia de que o adulto é o dono do saber e da autoridade. O adulto tem ainda grande dificuldade de 'silenciar' e escutar verdadeiramente. Acreditar e reconhecer que as crianças têm saberes diferentes dos dos adultos e que é essencial conhecê-los e incorporá-los à adequação de atividades e propostas sócio-educacionais mais adequadas a cada grupo infantil. Como essa escuta dialoga com a necessidade de impor limites?

ADRIANA FRIEDMANN Gostaria de frisar o cuidado ético que todos nós adultos devemos assumir nestes processos de dar voz e escutar crianças. Respeitar seus tempos, seus espaços, sua intimidade, suas emoções, suas escolhas. Estar abertos para acolhermos sua essência, seus potenciais, aceitarmos suas limitações e preferências. E pedir licença para adentrar seus territórios. Todas estas atitudes fundamentais para não violentar seus mundos. É fundamental lidar com o equilíbrio entre tempos de falar, ensinar, propor, intervir e tempos de ouvir, aprender, estar junto, tomar distância e observar. Negociar com elas combinados e regras. Saber colocar limites, sim, apesar desse espaço tão necessário para que elas nos digam e ensinem sobre suas vidas.

Link para

matéria: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2016/11/13/%E2%80%98Agressividade-e-hiperatividade-das-crian%C3%A7as-de-hoje-%C3%A9-forma-de-reivindicarem-mais-aten%C3%A7%C3%A3o%E2%80%99-diz-antrop%C3%B3loga>

© 2017 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98. A sua publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia é proibida.